



## Natal

**A**O relermos hoje, primeiro Domingo do Advento, o trecho de Isaías que nos apresenta o Senhor como «Juiz no meio das nações e Árbitro de povos sem número», os quais, para Lhe serem fiéis, deveriam «converter as espadas em relhas de arado e as lanças em foices»; e «não levantarem a espada, nação contra nação, nem mais se prepararem para a guerra» — recordei-me deste mesmo tema que, sob o título Advento, saiu no nosso Jornal de 9 de Dezembro de 1972, após três anos de tentativas de publicação sempre frustradas pela Censura. Era o tempo da chamada «guerra colonial» e os censores percebiam-na (e certo!) como fundo da inten-

ção do escrito. Essa guerra que foi mal, mas muito pior a forma desastrada, desinteligente, desumana como acabou... em frustração tal que, trinta anos depois, ainda não deu lugar à paz.

Há trinta anos a intenção imediata com que escrevi (aliás foi em Angola, em 1969) tinha por alvo os Povos que então eram ainda parte de Portugal. Trágico é que, volvidos eles, eu também curtido por eles, possa rescrever o mesmo tendo como horizonte o mundo.

A profecia de Isaías cumpriu-se em Jesus Cristo. Ele o «Príncipe da Paz», princípio dela, fundamento dela, que veio anunciá-la e ensinar os homens como deviam alcançá-la, não se bastou da palavra, fez-Se a Fonte dela,

abrindo os braços e deixando-Se altear na Cruz para que ela escorresse sobre a Humanidade em todas as gerações. Também o sangue e a água que brotaram do Seu coração rasgado pela lança do soldado parecem frustrados pela insensibilidade e insensatez dos homens, aprisionados na sua natureza carnal, incommunicáveis pela procura cega da satisfação dos seus apetites, escravos de tantos excessos, discórdias, ciúmes — do que preveniu S. Paulo na sua Carta aos Romanos e também hoje recordamos.

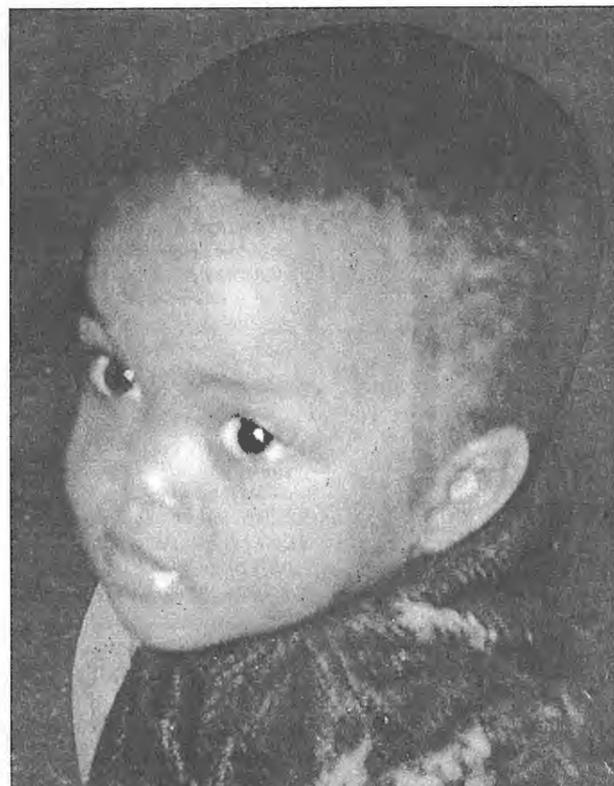
É real que ao longo destes dois mil anos da nossa era os homens têm tratado muito mal, têm dissipado tantas vezes o dom da Paz que Jesus nos trouxe e nos

deixou. Mas a teimosia deles não pode apagar os pensamentos d'Ele que são de Paz e não de desgraça e a Sua paciência infinita.

O Natal é, por excelência, o tempo da Esperança. Apesar de, uma vez mais, este que aí vem, seja entenebrecido por tanta inimizade, por tantas lutas, por tanto sofrimento escusado com que a loucura dos poderosos fere o corpo da Humanidade inteira, Crux stat como Fonte inesgotável da Paz; a Esperança permanece invencível.

É sempre «a hora de nos levantarmos do sono...»; sempre o tempo de «abandonarmos as obras das trevas e de nos revestirmos das armas da Luz». E de ouvirmos e atendermos o clamor do Apóstolo e o apelo do Profeta: «Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo»; «Vinde e caminhemos à luz do Senhor».

Padre Carlos



«Menino Jesus» de Moçambique

### MOÇAMBIQUE

## Olhar em frente

**F**AZ hoje precisamente dez anos que Deus me concedeu trazer a Obra da Rua de volta a Moçambique. Não quero nem lembrar o que foram estes anos! Tudo passou tão depressa!

Olhar em frente mantém em mim a angústia da primeira hora. A educação dos rapazes, a batalha de todos os momentos do dia e às vezes da noite, nunca termina. Não queremos «apilar meninos» dizia Pai Américo, mas proporcionar oportunidades de serem gente, aqui, para o agora do seu país, sim.

Ao rever, hoje de manhã, as fotos dos que entraram naquele ano de 91, memorizando a passagem deles na nossa vida, daqueles dezasseis só um está mesmo perdido, creio que preso ainda. Não esteve connosco mais de dois anos. Deve andar agora nos vinte e cinco. Descobriu droga na Massaca e daí a voltar à rua, não demorou. Sete foram reintegrados na família, consoante a fomos encontrando. Nunca mais apareceram na rua, sinal de que foram assumidos pelos seus. Dos outros sete, dois, que vieram pequeninos, vão um na quinta-classe e outro na sexta, um na Universidade, dois a querer chegar lá este ano, dois em curso de mecânica e outro, mais inteligente que todos, mas ainda na nona-classe.

Ao contrário da maioria dos que andam na rua, desenraizados da família ou, pelo menos, soltos no mundo pela mãe, houve uma recuperação de cariz familiar o que para eles foi bom e para nós nada pior que termos aqui meninos que a mãe vem visitar. Isso perturba imenso o seu comportamento e até o rendimento escolar. Porque é difícil saber deles se têm alguém de família, estes dados nos servem de sinal bastante para que tudo façamos até a encontrar. Dos que estão a estudar, mais adiantados, um pelo menos, que frequenta o Instituto Verney, com bolsa de estudos e passou à décima segunda-classe, poderá ir também à Universidade. Isto tendo em conta a regra de Pai Américo — dar canudos a malandros, nunca, aplicada ao seu irmão, que poderia estar na Universidade, há dois anos.

Como em todas as Casas do Gaiato, não há dois iguais e quando os apoiamos na subida é porque eles já caminham por si mesmos e ganharam mérito.

Se fizemos um esforço tão grande para os elevar acima da média é, por um lado, para estimular todos aqueles que têm capacidade e ainda não se decidiram; e, por outro, temermos o futuro da maior parte deles. Moçambique está a mergulhar no que se chama a globalização. Chegam, aqui, enquanto houyer com que pagar, produtos desde a Indonésia, China e Índia, claro que de baixa qualidade, até aos mais sofisticados do Mercado Europeu, ou outros. A contrapartida para já não existe. Nem mesmo o mercado interno responde a um mínimo de necessidades, que são supridas pela África do Sul. As indústrias estão arruinadas, o caju, o

Padre Telmo

Continua na página 3



Presépio dos nossos dias

### Presépios ao vivo

**A**nossa Casa está rodeada de presépios: casotas pequenas de adobes, capim e terra batida. Em cada uma, sua família sem mobília, a roupa no fio e os tachos são latas que foram de conservas. Uns chamam-lhe pobreza; outros, miséria; alguns, que estão habituados — é o seu modo de vida normal... Só que vieram de longe e já não têm um galho para pendurarem as harpas! Nestes anos de guerra derrubaram e queimaram milhares de hectares de eucaliptos para carvão e lume do comer. Frutos amargos da guerra!

Estão comendo as nossas mangas

## Malanje

ainda verdes... Fica nos cantos da boca uma saliva esverdeada — é a baba do medo.

Presépios ao vivo neste Natal com mangas!

### O rio da guerra

**D**EU-NOS mais três crianças. Terão dez-onze anos... Uns soldados mataram os pais na sua presença. Ficaram o trauma e a recordação de

pormenores... Adaptaram-se, fizeram amigos e gostam de brincar. É bom, sem eles terem muita consciência, a esperança ter renascido em seus corações. Hoje, o mais pequeno veio mostrar-me os sapatos: — São de menina!, disse. — Olha que as meninas andam de calças e sapatos de rapaz. É tudo igual. Ficam-te muito bem! Pensei para mim que no Natal vai trazer umas verdadeiras sapatilhas de rapaz.

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

### ESTUDANTES POBRES

— O pai anda por lá e deixou mulher e filhos sem qualquer mensalidade

Por isso, a mãe e os descendentes têm vida sacrificada, mas limpa: Ela ganha o pão numa fábrica. Eles frequentam a Escola secundária com aproveitamento: o jovem, no décimo segundo; o irmão, no décimo primeiro ano.

A mãe já nos tinha abordado, no princípio do ano escolar. E, na altura, disse que o custo do material escolar ficaria quase pelo valor do seu próprio salário mensal!

O estabelecimento de ensino dará uma ajuda pela Acção Social Escolar, atendendo à situação económica da família.

No entanto, para não se criarem dificuldades aos pobres jovens, avançámos com o valor dos livros de que necessitam — até pelo bom aproveitamento de ambos. E quando os serviços oficiais abrirem as mãos, saldaremos contas.

**VOZ DO PAPA** — Em mensagem dirigida à XXXI Conferência da FAO (Organismo da ONU que se ocupa da Agricultura e Alimentação mundiais), João Paulo II acentua, mais uma vez, que «não é possível que milhões de pessoas vivam subalimentadas, esfomeadas». O Cardeal Ângelo Sodano foi portador do documento, lido aos representantes dos 183 países membros da FAO, em Roma:

«Depois dos terríveis acontecimentos de 11 de Setembro tem havido muitos debates sobre a justiça e a urgência de corrigir injustiças. Numa perspectiva religiosa, a injustiça é um desequilíbrio do homem contra Deus e contra os homens — a desordem nas relações humanas. Muitas injustiças do mundo transformam a terra num deserto: a mais impressionante de todas é a fome que sofre milhões de pessoas com suas inevitáveis repercursões sobre o problema da paz entre as nações. A erradicação da fome no mundo — prossegue o Santo Padre — implica a vontade não somente de debater a questão ou deplorá-la, mas de assumir também iniciativas concretas para debelar o problema de modo eficaz e durável. Entre as iniciativas a estimular de modo especial é a decisão de algumas das nações ricas destinarem uma parte do seu produto interno bruto para o desenvolvimento dos países mais pobres e de fazerem todos os esforços para reduzir o peso da sua dívida externa.»

**PARTILHA** — A assinante 57002, da Senhora da Hora, com «um cheque de vinte mil, minha pequena oferta referente a Novembro, para a Conferência do Santíssimo Nome de

Jesus, e que poderão distribuir como melhor entenderem. Como o frio já chegou e, com ele, as contas da farmácia devem aumentar muito, todas as ofertas serão precisas para ajudar a minorar o sofrimento de irmãos nossos, mais carenciados. Peço uma oração por alma de meu marido».

Contribuição mensal do assinante 53241, do Luso: «Uma gota no oceano das necessidades que apoquentam os Pobres».

Porto: «A assinante 15835, velhinha de 86 anos, envia, com muita amizade, um cheque de vinte mil que se destina a O GAIATO — que se lê com muita emoção de ponta a ponta — e o que sabrar será para a necessidade mais urgente da vossa Conferência».

Outra vez Porto: A assinante 14493, «com o maior carinho por todos, vou cumprindo o meu dever, enviando a minha contribuição referente ao mês de Novembro».

De Riachos, a assinante 26397, presente com «uma pequenina ajuda para os mais pobres, por alma dum familiar».

Votos de santo Natal para os nossos Amigos. E, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**VACARIA** — Duas vacas tiveram filhos. E o seu leite está a aumentar mais.

Nós gostamos muito de vacas, pois é um animal que serve muito a nossa alimentação.

**ESCOLA** — Está a correr bem. Refiro-me à Instrução Primária, como dantes se dizia. Já temos todos os livros e queremos continuar o programa até ao fim — para nosso bem.

A verdade é que não há coisa tão má, para a nossa vida, do que sermos analfabetos por nossa culpa.

**MAGUSTO** — A festa correu bem, muito bem! Além das castanhas, tão apetitosas!, comemos chouriço, batata doce e sardinhas.

Houve ainda vinho para os maiores, os mais velhos. E sumos para os mais novos.

**MUDANÇAS** — O mobiliário das casas da nossa Aldeia está a ser mudado com as ofertas dos nossos Amigos: mesinhas de cabeceira, televisão, bancos, cadeiras, etc.

Tudo muito bom e bem conservado.

**NATAL** — Está quase a chegar essa grande festa da Igreja — o Nascimento do Deus-Menino. Os rapazes começam já a pensar nas prendas, na consoada, na Missa do Galo.

Mandamos daqui uma saudação de bom Natal aos nossos Leitores.

Rogério

**DESPORTO** — A última crónica começamo-la, dizendo: «O Grupo Desportivo não tem parado». Só pára quando as pessoas não gostarem de se respeitar a si próprios nem ao seu semelhante. Com tristeza minha, ainda há gente que pensa que a Casa do Gaiato é um colégio... ou uma cadeia. Não é, felizmente! É uma família muito numerosa, que tem sido e continuará a ser respeitada por muitas pessoas de carácter e de bom senso. No entanto, também há quem assim não pense, como aconteceu a 18 de Novembro. Depois de termos tido a confirmação de um jogo com determinado clube, a mentira veio ao de cima. À hora do jogo, o adversário não aparecia! Telefonei e ouço a resposta: — Houve aqui um desastre, estamos numa bicha enorme de carros. Quando pudermos, apareceremos. Entretanto, faço telefonema após telefonema. O senhor nunca mais atendeu! À noite falei com o presidente do clube, pessoa simpática e respeitável. Segundo ele, o proprietário da voz mentirosa estava numa partida, noutra campo. Lamento e pergunto como pessoas deste tipo podem comandar camadas jovens, que precisam de quem lhes diga a verdade e não as confunda com a mentira.

Ninguém é obrigado a vir jogar à Casa do Gaiato. Ninguém tem o direito de se esconder na mentira para dizer não. Até porque, diz o ditado, da mentira fica sempre um «rabo de fora» e «a verdade vem sempre ao de cima». É o caso deste senhor. Teria sido muito mais bonito e honesto, ele na altura do contacto, tivesse dito que não podia, pois estamos habituados a ser tratados com respeito e dignidade.

Depois, recebemos o Imperial S. C. Sobriense. Tudo correu sem problemas. Embora não seja um clube grande, é, na verdade, um grande clube!

Alberto («Resende»)

## TOJAL

**NATAL** — Está à porta. As crianças põem as conversas em dia sobre as lindas prendas que desejam, sonham receber um brinquedo telecomandado, ou um outro que lhes corre na mente.

É Natal! Todos festejamos o Nascimento do Deus-Menino com música e prendas. A alegria corre nos corações, pois não nos falta nada, graças a Deus.

Os «grandes», cheios de poder, esquecem os mais pobres. Os seus corações tornam-se duros como a pedra porque vivemos no mundo do egoísmo.

**ACIDENTES** — Tivemos dois, seguidos, com as duas carinhas. Os danos foram uma das causas que mais nos afectou.

Mas graças a Deus nada de grave aconteceu aos passageiros.

**VISITAS** — Temos tido muitas, ao nosso encontro.

Têm vindo muitas excursões e grupos de escuteiros com alegria de conviver connosco. A nossa porta está aberta para todos os amigos que nos queiram transmitir uma palavra amiga e, agora, não se esqueçam de organizar algumas actividades. Tendes de ser bem preparados e fortes para animarem essas actividades.

**MÚSICA** — Temo-la estado a desenvolver, mas faltam alguns instrumentos para podermos pôr tudo em dia: um contra-baixo, um amplificador, uma guitarra eléctrica. Se alguém tiver a disponibilidade de nos oferecer uma dessas peças, o nosso muito obrigado.

Abílio Pequeno

## Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Realizámos em 2 do corrente um magusto naquela Casa, onde além do fruto da época, não faltaram sumos diversos, até de uva, mais jeropiga e bolitos. Uma tarde animada, apesar do tempo não ter colaborado como pretendíamos. Mais uma vez pusémos em prática a «amizade e solidariedade constantes dos nossos Estatutos».

Em Outubro, depois de alguns anos dolorosos, lutando com doença incurável, faleceu a mãe dos nossos associados Américo, Ricardo e Rui Pinheiro Gomes e de uma irmã destes, todos na casa dos vinte anos, com quem viviam e ajudavam, trabalhando, deixando a vida aos 44 anos. Não pudemos estar presentes por várias razões, mas não deixámos de manifestar os nossos sentimentos de pesar em carta dirigida a estes filhos muito amigos da mãe, que acabavam de perder. Coragem é o que lhes pedimos em hora difícil.

Em Novembro, também o nosso Padre João, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, sofreu o mesmo golpe, perdendo igualmente a mãe. Por ter sido a um Sábado, foi possível uma representação da nossa Associação estar presente no funeral que se realizou na sua terra. Renovamos aqui os nossos sentidos pêsames.

Por fim, desejamos aos nossos Associados as melhores festas de Natal e que 2002 seja o melhor possível para todos.

Manuel dos Santos Machado

## Antigos Gaiatos de Malanje

**NATAL DO GAIATO** — «Com tantas frustrações e mazelas é difícil construir o Homem».



A água fertiliza os campos da Casa do Gaiato de Malanje.

É com esta frase que Padre Telmo procura construir um Natal para todas aquelas crianças que sofrem a falta de viver e que afinam pela habilidade de roubar e mentir.

Já Pai Américo, na sua época, dizia que, salvar um único rapaz, valia a pena o seu trabalho em prol das crianças abandonadas.

Hoje, em África ou na Europa, a Obra da Rua procura não só matar aquela fome de que muitas crianças sofrem, mas, como sempre, oferecer-lhes um ambiente familiar digno e capaz de enfrentar uma sociedade exigente e honesta, naturalmente, no respectivo local e na região onde têm as suas raízes familiares naturais.

Não basta ensinar a palavra «obrigado» na educação de uma criança que sofreu as amarguras de uma separação paterna; a criança necessita que a ensinemos a pescar, em troca do peixe que lhe possam oferecer.

Foi e sempre será Natal das Casas do Gaiato: um Natal que todos terão sem exigências de grandes brinquedos, apenas aquilo que no momento haja para que todos se sintam um pouco mais felizes que aqueles que nada têm.

A felicidade de um gaiato está na alegria de viver em família e na esperança de um futuro digno e capaz de enfrentar os homens que, de uma forma ou doutra, procuram menosprezar a infelicidade de seus progenitores, não estarem presentes no local e no momento exacto. Uma coisa é certa: Todos os rapazes procu-

ram dignificar Pai Américo e a Obra da Rua.

Em Malanje, o Natal vai ser aquilo que o Menino tiver no sapatinho e será recebido com alegria e carinho; mesmo que seja aquele obrigado carinhoso de ter uma família todos os dias. Os rapazes vão adorar um simples «peixe seco» e os «Batatinhas» o rebuçado que Padre Telmo venha a receber da Europa rica, com um pobre agradecimento para tão nobres sentimentos fraternais.

Manuel Fernandes

## MALANJE

### Natal

É amar sem distinguir  
Servir sem medir  
Dar sem contar  
Consolar sem ferir  
Acolher sem identificar  
Partilhar sem contar  
Indagar sem rejeitar.  
«Como pode ser isso se não [conheço Homem algum?]  
Dar-se sem hesitar.  
«Eis a Serva do Senhor».  
Entregar-se sem compreender:  
«Faça-se em mim segundo a Vossa Vontade».  
Eis o Natal:  
Deixar que em cada momento  
Se faça em mim,  
em ti, em nós  
a Vontade de Deus.

Rui Malamba

## TRIBUNA DE COIMBRA

## Profecias do Advento

**D**E novo o Natal! Tudo se prepara para a grande festa da luz; para celebrarmos a grande novidade: o Emanuel, Deus Conosco.

Mas o «consumismo», hábil, antecipa-se e, num golpe de magia, vai adiante. É tudo tão rápido, tão competitivo que até os ritmos próprios da liturgia cristã, sustentados pelo silêncio e feitos de vigília, se esbatem.

O mistério inefável deste tempo é, subtil-

mente, desventrado e fortemente sacudido pelos apelos do materialismo; de tantas inutilidades que esvaziavam o coração e tornam a vida pesada.

Regressar, pois, ao mistério: a esse mistério divino feito de surpresas e fonte de alegria. Dessa alegria, precisa-se! Estampada no rosto das crianças e nos olhos dos idosos, procura-se!

O caminho é o da simplicidade e da

pobreza. Caminho difícil e sinuoso, mas que aponta os cimos das mantanhas.

Então, aí, de novo, as profecias do Advento! Venham profetas que as recriem e, nos ambientes onde grassa a hostilidade e o esquecimento, as anunciem de sorriso nos lábios e esperança no coração. Profetas de vida caldeada pelos caminhos do deserto e da esperança; como João Baptista, como Maria de Nazaré, como outros e outras Marias. Gente anónima que escreve na sua vida de Advento e escondimento, belas páginas de um Natal que não morre no calendário nem se confina à luz cintilante da montra.

A todos os nossos Amigos, que partilham dos nossos desejos e anseios, desejamos este Natal santo, feliz e aberto aos Outros.

Padre João

**O** Natal aproxima-se a passos largos e o nosso olhar é capaz de ainda não estar convertido a fim de fazer brotar a partilha dos nossos corações e criarmos uma terra mais humana, onde todos tenham um lugar de dignidade.

É verdade que o Natal nos chama a olhar para o lado e é verdade que também parecemos mais predispostos a sentir e partilhar as dores humanas, sejam elas físicas, económicas ou morais. Não admira, por isso, que os meios de comunicação social abundem em «casos reais», «histórias de injustiças», «encontros dos desencontros da vida». As pessoas estão disponíveis para dizer «ai coitadinhos!». Lá se vai uma lágrima e tudo se passou ao limpar essa lágrima...

No afã das notícias que tenham impacto, constato que nem sempre os exemplos são bem escolhidos. Basta, por vezes, um leve olhar crítico para percebermos que a notícia que se queria de flagrante injustiça ou de enorme acusação se destrói a si mesma. Nem sempre quem mais fala é quem mais tem razão. Acontece que nunca se responsabiliza a pessoa que acusa e, quantas vezes se criam, desta maneira, pessoas irresponsáveis que só sabem acusar os outros e que pensam viver sempre à custa dos outros, tendo os outros que resolver os seus próprios problemas.

Vou dar dois exemplos. Fui a

## ENCONTROS EM LISBOA

## Distinguir o trigo do joio

um bairro camarário, para onde as pessoas foram deslocadas. Encontrei uma situação razoavelmente caótica, quer nas portas de entrada, partidas, quer as escadas todas sujas e riscadas. Falando com dois moradores, chamei-lhes a atenção para a degradação. Resposta fácil e expedita: a culpa é da Câmara, não manda ninguém pintar e pôr os vidros. Respondi que nos prédios em que são as pessoas a comprar, têm de pagar para ter as coisas arranjadas. Resposta: «Isso é que era bom!» Parece-me elucidativo da falta de civismo e de irresponsabilidade.

Tenho em Casa um rapaz cuja mãe desapareceu nos desencontros da vida, sabendo que o filho tinha vindo para esta Casa. Não me compete a mim saber por onde andou, o que andou a fazer e que preocupações teve, porque nós fizemos várias tentativas para a encontrar e não conseguimos. Daria um bom programa de lágrimas nos olhos ver o despuador com que esta mulher se apresentou aqui um dia dizendo que andava há cinco anos à procura do filho sem saber onde se encontrava. Isto dito ao menino, com muitas lágrimas à mistura,

muitos beijos e abraços, muitas promessas de que nunca mais se separariam e que o viria buscar em breve. Números de telemóvel e tudo... Só que os telemóveis deixaram de funcionar, a morada apresentada não existe e já passa de um ano e não houve mais notícias... Mais tarde esta mulher terá lábia para desmentir a história, construir outra história e deixar as pessoas a pensar que foram muito maus para ela...

Quem está nesta vida conhece muitas e muitas histórias e nem tudo o que se pretende vender na praça das nossas televisões é o que a vida é. Conhecer os Pobres é uma longa aprendizagem e é necessário aprender a distinguir o trigo do joio.

Gostaria que os senhores jornalistas fossem mais críticos porque, por este andar, estão a prestar um mau serviço, criando toda uma plêiade de «coitadinhos», irresponsabilizados e deseducados face ao seu lugar de dignidade na nossa sociedade.

Que o Natal seja favorável aos Pobres e que os oportunistas sejam afastados.

Padre Manuel Cristóvão

## Moçambique

Continuação da página 1

chá e o açúcar não serão mais o que foram. Em nossa Casa estamos a fazer um esforço para não depender do mercado e produzir excedentes. Queremos ser um exemplo de desenvolvimento agrícola. Até por isso estamos a concluir uma exploração de porcos, à maneira europeia, com a produção interna quase total da ração e o aproveitamento dos estrumes. Tenho até dito aos rapazes, para os chocar, que vão render mais os porcos do que eles.

Na verdade tudo é deles, para eles e por eles. Mas a gente desgasta-se a viver as suas realidades, sempre com um século de desvantagem.

Padre José Maria

pre a pedir comida. Nunca se satisfaz. Há dias, após a refeição, exclama:

— Pai, quero comer!

Afinal, a fome deste rapaz é outra. Ele quer ter um pai que o oiça e lhe preste atenções. Deseja alguém que seja para ele o pai que nunca teve na sua vida errante.

Ao ouvi-lo, lembrei-me de uma situação inversa, onde a fome da mesma natureza, nunca foi saciada. Uma pobre senhora teve quatro filhos com forte atraso mental, «enormes»

como diz o povo destas terras. Viúva, foi-os criando conforme pôde. Cansada do viver amargurado, certo dia diz-me com ar conformado:

— Sabe, é muito triste eu ter criado tantos filhos e nunca algum deles me ter chamado mãe!

Esta pobre senhora tem fome, e muita, da palavra sagrada que é Mãe.

Quem dera tê-la trazido para junto de nós onde, por certo, os doentes mais novos a chamariam mãe.

Padre Baptista

## CALVÁRIO

## Fome

**C**ORPO franzino com rosto esquelético, membros raquíticos e esguios é a imagem típica do ser humano subalimentado, que a toda a hora nos vão mostrando por esse mundo fora.

Metade dos habitantes do nosso Planeta não se alimenta capazmente nem usufrui dos bens essenciais à vida. Mas a outra metade também não parece saciada devidamente. A sua fome, no entanto, é a de compreensão, carinho e de amor.

Por isso, todo o homem é um ser cheio de necessidades nunca satisfeitas, um carente, um esfomeado, porque «nem só de pão vive o homem».

Não foi por acaso que os rapazes de então chamaram pai a Pai Américo, como os de hoje igualmente o fazem. Foi um movimento instintivo, natural, de quem era órfão e rejeitado.

Há tempos, recebi um doente. Também ele nunca conheceu os seus pais. Vivia só. Trabalhava como trolha. E,

como já aqui referi em tempos, caiu dum andaime e ficou com sequelas graves, físicas e mentais. Está acamado, mas lentamente começa a aperceber-se do mundo que o rodeia. Parece até que nunca perdeu o instinto de conservação, pois está sem-

**A**S férias contituem um direito para todo o ser humano em geral e para o estudante em particular.

Em nossa Casa é o tempo privilegiado para mudança de actividades, isso independentemente do aproveitamento ou não de cada um dos nossos rapazes.

É tempo de uma pausa às actividades académicas, e marca um empenhar e dedicar-se nos trabalhos de Casa. Eis que alguns dedicam-se a pintar as casas. Há a lamentar a escassez de tinta. E as poucas vezes que a conseguimos é a preço sumamente elevado.

## CARTA DE MALANJE

## Férias escolares

Mas se o custo da tinta é motivo de lamentações, o estado em que vão ficando as paredes velhas dão um ar de beleza pouco comum nestas terras malanjinhas, onde desde a independência nada ou quase nada se fez de novo, mas muito se destruiu, infelizmente.

Outros dedicam-se na lavoura dos campos, embora muitos

deles, pouco experientes, chegando a arrancar a semente em vez do capim, bem como nos trabalhos da horta uma das nossas privilegiadas fontes de sustento.

Intelectualmente, as férias estão sendo aproveitadas para algumas aulas de música, estudo de Português, Inglês e Matemática. As aulas são administradas

## DOCTRINA



Fiz voto de ser pobre

**N**ATAL dos Pobres! Em Junho de 1928 fiz voto de ser pobre. Não há ninguém no mundo que seja capaz de compreender e amar os Pobres se não for ou quiser ser tão pobre como eles são. Voto de pobreza é paixão de seguir o Mestre e certeza de dar com Ele. É absolutamente impossível que alguém se engane por haver tomado para si um conselho do maior e do melhor Amigo que a gente tem; o estado de pobreza voluntária é conselho de Jesus. Este meu voto é o único título com que venho hoje à tua presença, neste mirante de amor, pedir-te que ames os Pobres. Manda para o regente da Casa do Gaiato, Miranda do Corvo. Manda para o regente da Casa do Gaiato, Paço de Sousa. Manda para o maioral do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios, Coimbra. Se te for mais fácil, manda para o nosso Depósito coisas com que eu possa fazer o Natal. O amor leva a muito alto os teus pequeninos nadas. Aqui fico, de joelhos, à espera de resposta.

**J**Á temos um sobretudo, resposta de Oliveira de Azeméis à minha carta da semana finda; mas espero mais... Não importa estilo nem estado; tudo quanto sirva de agasalho serve para mim. Para o nosso Depósito dirigiram-se, na semana finda, passadas amorosas com recados para gente pobre, sem nome de quem manda que é forma do Evangelho. Ele foi um cobertor de lã; mais um dito; mais um e lençóis, e livros escolares; mais um pacote de roupas usadas; mais um de camisas novas; mais outro, de coisas de malha; e mais outro; e uma carta com cem escudos e uma nota, idem, à vista; e ali, mais nada.

**N**AS ruas do Porto deram-me cem escudos e mais vinte e mais outro tanto. Uma fábrica de malhas deu-me nada menos de cinquenta peças em folha. Um visitante a Paço de Sousa viu, admirou e deixou duzentos escudos. Um outro, fez a mesma coisa e deixou metade. Os ouvintes das Missas nos Congregados, comovidos, deram-me um tudo menos de doze contos e promessas de muito mais. Eu, porém, antes quero ouvir o «tome lá» do que o que «hei-de dar».

**N**O fim das Missas, já a caminho do Albergue aonde fui pelo primeiro grupo de pequeninos para a Casa deles, entrei, a rogo, no 99 de certa rua para almoçar. Calhou bem e comi bem. Eu havia suprimido esta refeição no programa do dia. Ao café, o chefe da casa brinda aos pequeninos felizes que eu ia justamente resgatar! A distinção de tudo quanto vi na mesa junta-se a nobreza do brinde. No próximo Domingo vou por mais catraios e, de caminho, peço por eles na igreja de Santo Ildefonso, às ouzes. Se te não cansas de me ouvir nem eu de te contar, vem e convida os teus amigos.

*D. Amén. S!*

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

por um grupo de quatro seminaristas menores, ontem rapazes nossos, hoje futuros pastores e pescadores de homens a exemplo de Cristo. E por um grupo de quatro seminaristas maiores, três dos quais terminaram o curso de Teologia e o quarto passou para o terceiro ano de Teologia, também.

No que se refere aos preparativos para o Natal, muito se vem fazendo, interior e exteriormente: limpeza das casas, capinagem, corte de árvores, limpeza de jardins, ensaio de cantos litúrgicos e muito mais.

Para uma limpeza interior que permita uma recepção condigna

de Deus-Menino que vem, virá e já veio, está em vista uma celebração penitencial, na qual cada um de nós terá uma oportunidade de reconciliar-se primeiramente consigo próprio, com o irmão e sobretudo com Deus.

Por tudo quanto temos vivido neste tempo de férias, há razões para se dizer que são bem-vindas, as férias finais antes do Natal, festa da família, pois permitem dedicarmo-nos cada vez mais aos trabalhos domésticos dessa grande família da qual fazemos parte: a Família dos Gaiatos.

Padre Custódio

## Momentos «amargos»

OS Pais da Rua, responsáveis das Casas do Gaiato e mais actividades a favor dos Pobres, são homens total e radicalmente entregues aos seus compromissos, sem qualquer recompensa que não seja a de Deus, devorados noite e dia, Sábados e Domingos sem férias nem descanso, anos a fio, por amor aos rapazes os quais se seguem em gerações sucessivas numa levada de Pobres que nunca mais acaba. Pais de filhos que os não têm numa continuidade sem estanque da miséria que os gera.

Homens pobres vestindo a roupa e calçando os sapatos que os Amigos vão deixando em nossas Casas. Homens da mesma mesa e do mesmo tecto dos rapazes.

Pessoas que mesmo a comer e a dormir estão a trabalhar, nunca se despegando das responsabilidades assumidas.

Apresentam-se com simplicidade, embora alguns tenham feito brilhante carreira académica.

Perante o mundo, são uns padrezinhos que, coitados, não serviram para mais nada senão para acolher rapazes pobres ou doentes abandonados!...

O mundo dos instalados chama-lhes *directores*, trata-os como se eles estivessem a governar a sua vida à maneira de homens vulgares. Como se usufruíssem das regalias, ordenados e benesses de funcionários.

É o mundo pagão cada vez mais largo e cego.

Tratados assim por algumas Autoridades, Comunicação Social e gente anónima. É pena!

Os Pais não se molestam que o seu vigor nasce de outras fontes, mas a luz que eles são, fica muito ofuscada pelo *alqueire* opaco destes olhos que a abafam.

O mundo não acredita em vidas que tudo desprezam e nada mais desejam, senão revelar o rosto de Jesus e o Seu Amor pelos homens com tamanha ousadia.

Foi já nos fins de Outubro de 1999 que me desloquei ao Barreiro para visitar a família de um menino na casa do pai com as suas quatro irmãs.

Tinha fugido do tugúrio da mãe que vivia com outro homem e mais três irmãos.

O casal desavira-se e, de acordo com o Tribunal, segundo me disseram, cada um dos cônjuges carregou com metade da prole,

ela ficou com os rapazes e ele com as filhas. Às tantas, por mau estar, o Bruno fugiu da mãe para a casa do pai.

O homem é realmente incapaz, não conhece o dinheiro, não sabe os dias da semana, nem sequer quando vai trabalhar. Era a filha mais velha, de dezassete anos, quem governava a casa e orientava o pai.

Doeu-se da situação do menor uma médica que me pediu, me acompanhou na referida visita e o veio trazer à Casa do Gaiato, posto que ele já havia frequentado, sem qualquer sucesso, uma instituição da terra de onde fora expulso.

É uma criança muito marcada não só pelo peso cromossómico, mas também pelas terríveis circunstâncias em que viveu.

Na Escola, o que num dia aprendeu, no outro a seguir já o havia esquecido.

Fez tratamento terapeuta-psicológico e a sua integração na Casa do Gaiato, embora demorada, efectivou-se até que a mãe começou a visitá-lo, lançando-lhe no coração, sempre, o reptado da libertinagem passada.

Foi arrastado pelo Luís Franco, aquele menino de que falei aos Leitores apresentado pela Polícia deste modo: — *Olhe que ele ontem assaltou e espatifou seis automóveis*. Ao que respondeu com ar heróico: — *Não foram seis, foram sete*.

Crianças a que ninguém dá a mão e são o terror do Barreiro.

Se fugiram, teriam de arranjar uma desculpa a qual nunca seria o bom trato de que todos beneficiavam: escola, a música, a dança, a piscina mesmo no Inverno, os vastíssimos espaços, a vida livre e poética daquela Casa, a boa mesa, o óptimo vestuário, o carinho sempre atento em todas as circunstâncias, as modernas oficinas-escola, a promoção intelectual até onde quisessem ir!

Tinham mesmo que arranjar uma razão. O ambiente era fácil, a degradação familiar facilitou. A TVI aproveitou-a para denegrir a Casa do Gaiato e fazer propaganda de audiência à custa do nome desta Obra.

Não será por estas vergonhosas divulgações que os Pais da Rua mudarão de rumo. Preferiremos sempre os mais abandonados, os mais difíceis e mais repelentes, na certeza mil vezes confirmada de que não há rapazes maus. Fá-lo-emos sempre, sabendo que estamos sujeitos às investidas dos poderes instalados. Sem acordos com o Estado. Não que o queiramos substituir, mas, somente, porque desejamos ardentemente revelar no meio das trevas o Amor de Deus.

Gostei de ver no ecrã o Padre Júlio, iluminado pelo Espírito de Deus, a actualizar a promessa do Mestre: «Quando vos virdes diante de reis e governadores não penseis no que haveis de dizer, nem temais, que o Espírito de Deus falará por vós».

Padre Acílio

## Segundo volume do livro «O Calvário»

QUANDO esta edição d'O GAIATO sair à rua, estará pronto o segundo volume do «*Calvário*». Mais um, de Padre Baptista, *herdeiro* da magnífica Obra para Doentes incuráveis sem família, legada por Pai Américo — chamado por Deus; e, entretanto, realizada por Padre Baptista na linha de rumo do Fundador.

O livro, ora editado, tem mais de trezentas páginas, incluindo gravuras de *ressuscitados*. Alguns deles viviam em mansardas, sem terem quem lhes desse a mão, o carinho que merecem — como filhos de Deus.

Curiosamente, quando andávamos com Pai Américo, por lá, pelos *Barredos*, os Incuráveis incomodavam muito sua bendita alma. E à beira dos *leitos*, das tarimbas, ficava em religioso silêncio..., com profundo respeito pelo calvário dos Pobres!

Logo que for possível, despacharemos «*O Calvário*» pelo correio para os Assinantes da nossa Editora. Depois, numa próxima tiragem d'O GAIATO, incluiremos nela *postais RSF (resposta sem franquia)* que facilitarão as requisições dos nossos Leitores.

Júlio Mendes

COLHEMOS, há pouco tempo, o nosso milho. Não há dias tão saborosos como os da colheita do milho. É o pão que mata a fome a muita gente. Os trabalhadores semearam, trataram, colheram e comem o fruto do seu trabalho. Os rapazes ajudam. Não vendemos um grão de milho, que ainda não produzimos o suficiente para as necessidades urgentes da população ao nosso cuidado. Vamos a caminho.

À medida que os resultados aparecem, mais vontade temos de trabalhar. Há dias, alguém nos visitou e viu dezenas de braços com a enxada na mão a preparar a terra para o milho. Ouvi dizer baixinho: — *Como é bonito ver o nosso povo a trabalhar!* E é verdade! Grande parte da população de Angola vive de mãos estendidas à espera das migalhas «milagrosas» que a vão mantendo com vida. É um quadro lindo ver dezenas de mulheres e homens a trabalhar os campos. Às vezes, penso em máquinas para preparação das terras. Temos um conjunto de alfaias que são essenciais. Outros instrumentos de trabalho viriam, entretanto, ocupar o lugar da gente que quer trabalhar e não tem para onde ir. Queremos produzir mais, mas não quere-

## BENGUELA

# Semear o pão

mos que a máquina ponha o homem ou a mulher no chão.

Se os homens da guerra quisessem, Angola seria o paraíso para os seus filhos. Assim, é a terra da desgraça para uma porção muito grande. Vamos trabalhar mais para que a esperança não morra naqueles que ainda estão de pé. Somos devedores aos Pobres. Em primeiro lugar devemos dar provas de que estamos com eles. Que sentimos com eles. Que somos irmãos deles. Por isso, repartimos com eles tudo o que chega às nossas mãos. É sempre possível fazer mais. Quando nos sentamos, de olhos fechados e mãos na cabeça, a ver o filme com as imagens dos bairros, com filas de pessoas, sobretudo velhinhos e crianças a estender a mão; ou dos acampamentos de deslocados, temos que fazer mais. Estão à nossa porta ou mais longe, não importa. Temos que fazer mais.

Quero semear esta inquietação bem dentro de ti e de teus filhos. É preciso

sair da nossa casca e repartir. Sim, repartir. Semear pão. Levantar a vida das famílias trabalhadoras ou que buscam trabalho. Vou continuar a cansativa e doce tarefa de subir os morros do bairro para medir as paredes das casas e comprar as chapas para a cobertura. Não têm conta. É, contudo, um sinal positivo. Querem viver melhor. Querem estar mais seguros. Isto é bom!

Tive que interromper estas notas por causa duma chamada urgente para levar uma criança ao hospital. É uma apendicite aguda. Apetecia-me estar sossegado, mas não é possível. Que o Senhor me dê paciência para nunca dizer não quando devo dizer sim. A criança chegou num carrinho de mão, lá do cimo do bairro. É o transporte vulgar dos doentes graves que já não podem andar a pé. A nossa carrinha faz de ambulância, também. Estes são momentos grandes da nossa vida. Particpa e verás.

Padre Manuel António

## SETÚBAL

# Uma característica dos gaiatos

UMA forte característica dos nossos gaiatos é serem comunicativos. É vê-los nas nossas Casas em dias de descanso, abeirando-se de todos os que nos visitam, abraçam e deixam-se abraçar até pelos desconhecidos. Pois, se estão em nossa Casa são nossos — deduzem eles. Abrem-se facilmente e contam com grande abertura as suas vidas, sempre repletas de experiências dramáticas. Os seus interlocutores inundam-se de pena ou de compaixão, consoante a caridade com que os escutam.

Quando os relatos incluem terceiros, naturalmente vão tomando partido a favor

dos rapazes, a ponto de se encherem de indignação quando as histórias contadas assumem carácter de gravidade.

O gaiato tem sempre razão!, pressupõe o mais incauto. Vidas dilaceradas pela injustiça dos homens e da sociedade, justificam esta tomada de posição em que assenta o seu raciocínio.

Mas os rapazes são crianças, tantas vezes buscando no sonho ou na fantasia e na imaginação, aquilo que a realidade não lhes trouxe, torcendo a vida real num irreal que os possa compensar.

Em jeito de brincadeira, dizia há dias durante o al-

moço ao pequeno João, que ele tinha de pagar a limpeza do meu *kispo*, pois como não pára de falar enquanto come, tenha ou não a boca cheia de comida, *espina-garda-me* o casaco todo. A sua resposta foi pronta, como é habitual: — *Eu pago! Eu tenho uma caixa cheia de moedas de ouro!*

O João dá sempre respostas pela positiva. Nunca acusa as suas limitações. É dotado de boa inteligência e nos seus cinco anos de idade, deixa-me, por vezes, espantado como nunca se deixa derrotar nos embargos em que se mete.

Sabemos que nem sempre é assim. Nem todos têm esta

capacidade de se defenderem. Rapazes há que descarregam nos outros, em quem seja mais conveniente, as suas incapacidades de resposta aos embargos que a vida lhes traz.

Surge então a mentira, mais ou menos grave consoante a valorização que lhe atribuímos.

Entre nós, conhecedores da pessoa de cada um e do conjunto da Comunidade, sabemos atribuir o devido valor às afirmações que eles fazem, agindo depois de acordo com o juízo que se vai formando.

Quando são estranhos à Comunidade a ouvir os seus relatos e se movidos pela

*peninha* dos rapazes, dominará nos seus juízos a irracionalidade que é irmã da ignorância. Qual o resultado de tais juízos? Concluírá certamente num: «*ai que eu não sabia que era assim!*»

Os nossos rapazes têm uma grande capacidade de ultrapassar, de andar em frente mesmo quando o terreno que pisam é pantanoso. Têm esta grande capacidade por ordem natural e das experiências de sofrimento que passaram. Decerto que lhes ficam os medos e as angústias desta travessia.

É aqui que, participando no nosso modo de viver, no contacto com o equilíbrio da natureza — a nossa quinta e o nosso gado, a terra nos seus ciclos naturais — o ambiente humano equilibrado com a presença dos traços humanos fundamentais — masculino e feminino, paterno e materno e os laços de fraternidade — criamos as condições que sempre fundamentaram humanamente a razão de sermos Obra para os rapazes sem família, abandonados ou em risco.

Padre Júlio

## PENSAMENTO

A Caridade não faz contas nem tem limites.

PAI AMÉRICO